



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	As marcas fônicas da língua: fluidez e aspereza na leitura de Grande Sertão: Veredas
Autor	AUGUSTO STEVANIN
Orientador	LUIZA ELY MILANO

As marcas fônicas da língua: fluidez e aspereza
na leitura de *Grande Sertão: Veredas*

Autor: Augusto Stevanin
Orientador: Luiza Milano
Instituição: UFRGS

O presente trabalho parte de inquietamentos relacionados a questões acerca dos efeitos da materialidade fônica presente no romance de João Guimarães Rosa. Como ancoragem teórica, buscamos as relevantes considerações sobre som e sentido feitas por Ferdinand de Saussure em *Escritos de Linguística Geral* (2002). De acordo com o linguista genebrino, “[o discurso] consiste em afirmar uma ligação entre dois conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística (...) que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento” (SAUSSURE, 2002). Nesse sentido, refletimos sobre as relações entre o sujeito e a “substância deslizante da língua”, assim chamado o significante por Saussure (SAUSSURE, op.cit.) Buscamos apoio, ainda, nas ideias lançadas por Jan Mukarovsky, em *Poética e Fonologia* (1978). O autor aponta a influência do sistema fonológico sobre a composição poética, lembrando que “O poeta dispõe do repertório dos fonemas da sua língua (...) Ao fazer sua escolha (...) pode, por exemplo, tornar mais frequentes os encontros que, no uso corrente, são mais raros, ou inversamente” (MUKAROVSKY, op.cit.). A partir desses apontamentos, refletimos a respeito da condição do sujeito-leitor numa relação de deslizância para com materialidade fônica dada em *Grande Sertão: Veredas*. Diante de construções como: “Eu queria estar-estâncias: dos violeiros, que tocavam sentimento geral. (...) eu disse; disse mansinho mãe, mansice, caminhos de cobra. (...) quem era assim pra mim Diadorim?” (ROSA, 2001), em que constatamos abundantes eufonias, o sujeito-leitor é mobilizado por uma materialidade fônica que flui, a partir das forças melódicas. O mesmo leitor, de maneira diferente, experimenta forças melódicas ásperas: “Mas o sassafrás dá mato, guardando o poço; o que cheira um bom perfume. Jacaré grita, uma, duas, as três vezes, rouco roncado. Jacaré choca – olhalhão, crespido do lamal, feio mirando na gente.(...) – Eu cá, ché, eu estou p'lo qu' o ché pro fim explodir...” (ROSA, op.cit.). Aspereza fônica que parece romper com movimento de fluidez de outrora, eis a fonte de nossos questionamentos: o sujeito sob os efeitos da força de uma sonoridade áspera. O conjunto dessas relações e os próprios contrastes mais parecem fluir em um sentido contrário aos padrões fonológicos dados pela língua. A partir do apontamento de Vasconcelos (2006), quando diz que “a obra de Guimarães Rosa tem sido lida como um espaço de tensões permanentes entre o rural e o urbano, (...)”, propomo-nos refletir acerca das tensões sonoras presentes na obra rosiana. Finalmente, em diálogo com o texto *O estranho*, de Freud, reconhecemos a possibilidade de investigar o “estranhamente familiar” na ordem da língua: “(...) aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1996).